

## PAUL VIDAL DE LA BLACHE E O MÉTODO REGIONAL: DA VISÃO DE MUNDO POSITIVISTA ÀS MONOGRAFIAS URBANAS

**Deyse Cristina Brito Fabrício**  
deyse\_nytzah@hotmail.com

**Antonio Carlos Vitte**  
vitte@uol.com.br  
Instituto de Geociências - Unicamp

**Palavras-chave:** Paul Vidal de La Blache, geografia francesa, monografias regionais.

Paul Vidal de La Blache possuía formação de historiador. Em 1978 chega à Escola Normal Superior de Paris e vinte anos mais tarde, passaria a ocupar a cátedra de Geografia na Sorbonne. Quanto à sua importância para a história do pensamento geográfico, "(...) Vidal fue el creador de una escuela cuya extensión fue tan grande que llegó a coincidir con la escuela nacional de geografía francesa" (CAPEL, 1981, p.328).

Claval (1993, p.8) lembra que Vidal de La Blache começa a dedicar-se à geografia por volta de 1870, quando esta disciplina era encarada como uma auxiliar da História, traçando inventários de viagens ou de exploração do mundo. La Blache se encarregaria de construir uma geografia moderna, apoiando-se nas ciências naturais, como a geologia e a botânica, relacionando-as ainda à sua formação histórica. Além disso, partiu também de um conhecimento empírico, percorrendo e recolhendo informações de diversas paisagens da França, Europa, norte da África e América do Norte.

É com La Blache que, lentamente, "(...) a Geografia atinge um status independente e se consagra como um ramo específico da ciência" (Lencioni, 1999, p.102). Sendo assim, esse autor procura definir o campo de estudo da geografia mediante a problemática da dualidade entre a geografia física e a geografia humana. Procura também traçar uma concepção integradora entre as ciências naturais e humanas, unidade que se encontrava ameaçada em virtude das dualidades que fizeram parte do próprio pensamento científico e filosófico da época.

A unidade da geografia, segundo La Blache, estaria traçada mediante o estudo regional, com a ideia de região aparecendo como "(...) integração e síntese dos aspectos humanos

e naturais, realizando a unidade homem e natureza” (LENCIONI, 1999, p.104).

Apesar de propor a importância da observação direta das regiões, La Blache parte de um aporte teórico e metodológico que não lhe deixa entrar num empirismo estéril. Dessa maneira, o autor cria categorias e noções encadeadas que se enquadram em quatro ideias principais: “organismo, meio, ação humana e gênero de vida” (GOMES, 1996, p.198).

La Blache parte do princípio da unidade terrestre, obedecendo a leis gerais que se encadeiam e se combinam de formas específicas em cada região do globo. O meio, por sua vez, seria “(...) dotado de uma potência tal que pode agrupar, e manter juntamente, seres heterogêneos em correlação recíproca” (LA BLACHE, 1954, p.34). Assim, “Cada região representa um domínio, onde se reuniram artificialmente seres díspares, que aí se adaptaram a uma vida em comum” (LA BLACHE, 1954, p.34). Diante dessas noções, emprestadas das ciências naturais, age sobre o meio uma força adicional e influente, a ação humana, sendo que o homem é encarado como um fator geográfico “(...) ao mesmo tempo, activo e passivo” (LA BLACHE, 1954, p.41).

Por isso, os estudos em geografia regional valorizam o particular, descrito minuciosamente através de monografias, partindo da observação e descrição de uma região que se

manifestava como evidente na paisagem, pela integração harmônica entre seus aspectos naturais e históricos.

Os gêneros de vida, expressando uma singularidade, diferenciam-se uns dos outros a partir das aglomerações iniciais de grupos humanos em áreas mais propícias à vida, como nas margens de rios. São as chamadas “áreas-laboratório”.

É na experiência acumulada que os gêneros de vida, em seu conjunto, respondem por uma “evolução civilizatória”. Nesse sentido, o estudo dos chamados grupos primitivos foi uma vertente das ciências sociais principalmente a partir da década de 1870.

É assim que o conceito de gênero de vida passa a embasar a análise da espacialização das sociedades, mediante a ideia de graus de civilização. Nessa concepção, a obra fundamental de Paul Vidal de La Blache, “Princípios de Geografia humana”, reporta aos povos ditos primitivos sua dependência em relação ao meio e quais os fatores que colocaram a superação dos obstáculos que a natureza oferecia.

Inicialmente, Paul Vidal de La Blache se pergunta por que há áreas povoadas e outras, não. Sua resposta leva em conta que algumas regiões foram mais propensas à vida, localizadas ao longo dos cursos de rios, formando as “grandes aglomerações humanas”, inicialmente na África e na Ásia (LA BLACHE, 1954,

p.87). Dessa forma, se as regiões áridas ou muito frias foram ocupadas é porque houve uma intensa pressão em áreas mais férteis, com um superpovoamento impulsionando emigrações (LA BLACHE, 1954, p.88).

Assim, para La Blache, a distribuição dos homens no globo ocorreria a partir de uma progressão descontínua. O autor diz que a tendência foi a aglomeração de núcleos humanos ao longo do curso de rios, ocorrendo uma separação por obstáculos, como montanhas. Nesse isolamento, em sua relação com o meio, o homem teria engendrado seu modo de vida (p.40). Analisados a partir de ideias evolucionistas, esses isolamentos levaram à formação de “raças” que, em vários casos, não cessam de “evoluir” e modificar-se.

La Blache argumenta que a formação dos isolamentos, porém, pode trazer estagnação a certos gêneros de vida. Em alguns casos, então, a população ficaria estagnada em seus hábitos, com ausência de aperfeiçoamentos, por serem presas, historicamente, à mesma forma de interação com o meio (LA BLACHE, 1954, pp. 80-84). A circulação e o contato com outros povos seriam então fundamentais, trazendo um estímulo ao progresso das civilizações.

Em acréscimo, segundo o autor o meio europeu teria sido muito mais exigente, por isso a população que lá vive fez um

povoamento original, concentrado a principal massa da humanidade, capaz de uma “evolução” mais complexa, constituindo-se, desde tempos antigos, num centro de difusor de inovações (LA BLACHE, 1954, p.374).

Por fim, são as cidades o testemunho de civilizações num estágio mais avançado, “que certas regiões não atingiram, que, possivelmente, não atingirão nunca por si mesmas” (LA BLACHE, 1954, p.280). É assim que a ideia de progresso, enraizada no positivismo, está vinculada em La Blache com relação aos gêneros de vida distribuídos pelo globo. No contexto das transformações da época, há um otimismo quanto às maiores possibilidades desse intercâmbio. “O movimento e a vida aceleram-se constantemente. Uma atração mais forte (...) provocou entre as diferentes regiões da terra uma fermentação que anteriormente não teria sido possível” (LA BLACHE, 1954, p.361).

Assim, relacionando nossa análise ao seu contexto, a cidade de Paris desponta com um crescimento harmonioso que deixa visível uma “unidade urbana mais ou menos perfeita” (LA BLACHE, 1954, p.384). É nesse ponto que as monografias regionais de Paul Vidal de La Blache acabam ocupando-se de novas questões colocadas, como a circulação, que serão levadas a cabo por seus discípulos, com a produção de monografias urbanas. Dentro dessa

ótica, a crença no progresso e nas conquistas da civilização exprimem, na visão de Vidal de La Blache, que “as modificações operadas pela ciência são as mais rápidas: a utopia de ontem é a realidade de amanhã” (p.361).

Por isso, várias questões são constantemente recolocadas na obra de Paul Vidal de La Blache, como as referências ao positivismo e a crença no progresso, ao mesmo tempo em que posturas historicistas, que valorizam a liberdade humana e a singularidade de cada cultura entram em foco. Podemos, então, citar as ideias de Gomes (1996, p.222), colocando a obra de Paul Vidal de La Blache como “Nem moderna, nem tradicional”, pois ela “incorpora a perpetuidade relativa das grandes referências de um passado, em que se pode encontrar tantas maneiras de interpretar, quanto os pontos de vista daqueles que a examinam”.

### Referências bibliográficas

ABREU, Mauricio de Almeida. A cidade da geografia no Brasil: percursos, crises, superações. In: OLIVEIRA, Lucia Lippi (org.). **Cidade: história e desafios**. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2002. P. 42-59.

CAPEL, Horacio S. **Filosofía y ciencia en la geografía contemporánea**: una introducción a la geografía. 3. ed. Barcelona: Barcanova, 1981.

COMTE, Auguste. **Curso de filosofia positiva**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.